

# ANALISANDO O DISCURSO: LINGUÍSTICA OU PROPOSICIONAL?

## ANALYZING THE DISCOURSE: LINGUISTICS OR PROPOSITIONAL?

Fabielle Rocha Cruz 1  
Jacques de Lima Ferreira 2

**Resumo:** A pesquisa em educação deve estar em consonância com as mudanças que acontecem na sociedade, nos âmbitos social, cultural e histórico. Para tanto, é necessário que mais pesquisas qualitativas sejam desenvolvidas, a fim de investigar os sujeitos que são parte dessas mudanças, como os professores e os alunos. Na abordagem qualitativa, os questionários e as entrevistas se destacam entre os instrumentos de coletas de dados, e existem variadas técnicas para analisar o que foi colhido pelo pesquisador. Esse artigo, então, se propõe a apresentar as premissas e diferenças de duas técnicas, a análise do discurso e a análise proposicional do discurso, por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Os resultados considerados apontam que as ambas apresentam resultados consideráveis e rigorosos para a pesquisa qualitativa, sendo que a análise do discurso se mostra mais adequada para textos falados, enquanto a análise proposicional do discurso trabalha melhor com dados escritos.

**Palavras-chave:** Educação. Pesquisa Qualitativa. Linguística. Análise do Discurso. Análise Proposicional do Discurso.

**Abstract:** Education research must be in line with the changes taking place in society, in the social, cultural and historical spheres. Therefore, it is necessary that more qualitative research is developed, in order to investigate the subjects that are part of these changes, such as teachers and students. In the qualitative approach, questionnaires and interviews stand out among the data collection instruments, and there are several techniques for analyzing what was collected by the researcher. This article, then, proposes to present the premises and differences of two techniques, discourse analysis and propositional discourse analysis, through a qualitative research of the bibliographic type. The results considered indicate that both present considerable and rigorous results for the qualitative research, and discourse analysis is more adequate for spoken texts, while the propositional discourse analysis works better with written data.

**Keywords:** Education. Qualitative Research. Linguistics. Discourse Analysis. Propositional Discourse Analysis.

---

Graduada em Letras Português/Inglês, Pós-Graduada em Educação bilíngue. Mestranda em Educação na Universidade Federal do Paraná. Tutora da Graduação, no Centro Universitário Internacional UNINTER. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5713318287880744>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6364-8603>. E-mail: [fabielle.cruz@gmail.com](mailto:fabielle.cruz@gmail.com) | 1

Pós-Doutor pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (Profissional e Acadêmico) da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do Curso de Licenciatura em Pedagogia do UNICURITIBA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0200302136977910>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7239-2635>. E-mail: [drjacqueslima@gmail.com](mailto:drjacqueslima@gmail.com) | 2

## Introdução

A área da educação, assim como muitas áreas do conhecimento, está em constante mudança. Os desafios do dia a dia definem novos rumos a serem tomados, exigindo que a inovação seja uma presença perpétua e que aqueles que são da área sejam agentes nessas mudanças. As humanidades, da mesma forma que as demais ciências, pede que professores e pesquisadores estejam em consonância com a realidade, que a teoria e a prática possam andar juntas, a fim de promover uma educação que atenda às diferenças tão presentes no mundo globalizado.

É evidente que, para tal, o melhor caminho a ser traçado é a pesquisa, para investigar dados e realidades tão diversas, nacional e internacionalmente. A pesquisa qualitativa, em contraste com a quantitativa, parece ser a que mais se relaciona com a ideia do quão subjetiva e relacionada aos aspectos sociais, culturais e históricos a pesquisa em educação é. Como analisar, então, a vida, a formação, o percurso de um professor se não através da sua própria percepção? Como números dariam conta?

Ademais, o professor está mudando, assim como a área. Às vezes, a mudança tem a ver com seu próprio caminho ou sua experiência em sala de aula, e esses fatores fazem a diferença no momento em que a teoria vira prática. Ter o entendimento do papel do professor, suas práticas, sua metodologia, sua forma de lidar com seu trabalho é fundamental para o encontro da teoria e prática como algo singular. Não se quantifica sentimentos e experiências, partes importantes do que é ser professor.

A pesquisa qualitativa, então, apresenta-se como a melhor opção para dar conta de visualizar o todo e ir, aos poucos, afunilando. Do macro ao micro, o professor como agente, como mediador, e tantos outros papéis desempenhados. E, para isso, a pesquisa deve ter objetivo claro, que contribua com a sociedade, que possibilite uma leitura de mundo e siga princípios éticos. Mais do que tudo isso, a pesquisa qualitativa demanda o uso de instrumento de coleta de dados que seja adequado e, muitas vezes, significa que o pesquisador vai a campo entrevistar professores e entregar questionários, conhecendo suas realidades por meio destes.

Há vários tipos de pesquisa de abordagem qualitativa, como exploratória, experimental, levantamento, pesquisa de campo e participante. Os dados colhidos para cada uma delas depende da intenção do pesquisador, e isso é variável, assim como o número de participantes e o instrumento de coleta. Igualmente, a forma de se analisar os resultados obtidos difere, e inúmeras técnicas estão à disposição do pesquisador para tornar as informações mais significativas e possa ser feita uma análise minuciosa de tudo o que está nos questionários, por exemplo.

Dentre as técnicas disponíveis, duas das mais utilizadas são a análise do discurso, que busca interpretar a linguagem como ela se situa em contexto social e histórico, e a análise proposicional do discurso, que tem sua base a análise de conteúdo e foca em interpretar o significado da fala, envolvendo quantificação linguística.

Por essas razões, este artigo visa, através de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, apresentar as duas técnicas e diferenciá-las, de modo que o pesquisador possa entender como aplicá-las em seus estudos para encontrar resultados que respondam às suas perguntas. Uma vez que o pesquisador irá se deparar com dados não estruturados, é necessário seguir uma técnica para dar mais credibilidade e possibilitar o rigor metodológico que tal estudo requer.

As técnicas analisadas por este estudo podem ser utilizadas com variados instrumentos e em diferentes tipos de pesquisa. Assim, é justificável entender o procedimento e as diferenças, pois facilita a construção dos resultados de forma que o pesquisador possa acessar os dados e apresentá-los de forma concisa e adequada.

Na próxima seção, a pesquisa qualitativa será melhor apresentada, sobretudo como ela se relaciona com a área de educação. O entendimento dessa abordagem é importante para se entender os instrumentos e as técnicas de análise de dados.

## A pesquisa qualitativa em educação

Há muitas razões para se fazer uma pesquisa, e na área da educação não seria diferente. Motivos comuns, como críticas constantes às formações docente, a divisão significativa entre o

campo da pesquisa e o campo da escola, e as constantes reformas educacionais, levam pesquisadores a repensarem o que se sabe até aqui. As mudanças constroem novas verdades e, como sugerido por Campos (2009), a absorção da produção intelectual por parte da sociedade contemporânea requer que novas propostas sejam feitas, que permitam novas práticas, novos estímulos e novos entendimentos de velhos hábitos, por exemplo.

A pesquisa, por si só, é uma atividade humana. Entender o funcionamento das coisas é parte de algo intrínseco à curiosidade das pessoas, e isso acontecesse desde que o mundo necessita de novas ações, desde que se inventou a roda ou a escrita. É na pesquisa, na experimentação, que as pessoas descobrem maneiras de deixar suas vidas mais fáceis, lidar melhor com o ambiente que as cerca e, indubitavelmente, é na pesquisa que o cerne da ciência está.

Sendo a educação uma ciência também, ela está sempre em discussões com a sociedade, em especial, por abrigar questões sociais, culturais e históricos, enraizados nas verdades da academia. Certamente que, para as ciências humanas, a pesquisa deve partir dessas características e, assim, focar naquilo que é essencial para o desenvolvimento da natureza humana.

É nesse ponto que há um conflito entre as abordagens qualitativa e quantitativa, pois a pesquisa em educação parte do princípio de que deve se observar o todo, e a pesquisa quantitativa acaba fragmentando a visão e exclui dados que, muitas vezes, são fundamentais para o entendimento. Assim, vem o interesse em realizar pesquisas qualitativas em educação, que se baseie em textos, narrativas e significados, por exemplo.

Isso não quer dizer que a pesquisa quantitativa não possa ser utilizada na educação. Entretanto, a abordagem qualitativa dá conta de responder a anseios e questionamentos, trazendo uma visão que relaciona a escola, a sociedade, os docentes, como um único conjunto multifacetado.

Freire (1996, p. 32) indica que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”. Essa frase do autor remete ao aspecto da pesquisa qualitativa de estar sempre seguindo o movimento de mudanças pertinentes ao ambiente escolar. A pesquisa deve estar disponível para quem quiser acessá-la, e o pesquisador deve incluir as múltiplas realidades educacionais para que o professor também se sinta reconhecido, participando do movimento de mudança.

Nesse mesmo pensamento, Flick (2009) mostra que a pesquisa qualitativa carrega juízos de valor, que são emitidos quando o pesquisador considera os dados que tem. Assim, o pesquisador constrói seus parâmetros em cima do conhecimento prévio que tem do objeto do estudo. O pesquisador que está em sala de aula vai atuar, muitas vezes, diretamente no problema que é apresentado, enquanto o pesquisador da universidade pode trazer discussões que abrangem as teorias e os encaminhamentos metodológicos. Mas, o encontro das duas realidades torna o estudo mais crível, mas estruturado.

A pesquisa é a ciência do particular, como sugere Stake (2011), e a abordagem qualitativa colocou a pesquisa social em xeque com a interpretação pessoal. Para o autor, há o envolvimento de muitas áreas, como a política e a economia, assim como de visões, como a espacial e a temporal – e isso é uma verdade na educação, que também está sempre sobre a influência de todos esses aspectos.

Uma vez que é a ciência do particular, não se pode falar da pesquisa qualitativa sem apontar que o maior e mais comum instrumento de dados é o próprio ser humano e suas práticas. Autores como Stake (2011) e Yin (2016) indicam que essa abordagem é inevitavelmente humana, afinal, o pesquisador é humano, o leitor é humano, o objeto do estudo é o humano e suas relações. Cada passo da abordagem condiz com a realidade e a experiência qualitativamente humana, a miríade de características que fazem parte dos valores individuais e coletivos.

Uma vez que o caráter subjetivo da abordagem qualitativa é um fator que pode ser considerado imparcial e negativo na ótica das ciências exatas, Flick (2009) aponta que o rigor e a validação dos processos de pesquisa são fundamentais para trazer credibilidade. Assim, o pesquisador deve explicar fenômenos, trazer amostragens que comprovem suas ideias, mas também criar processos de validação de seus dados e instrumentos de coletas. A análise dos dados, como será mostrado nas próximas seções, variam em técnicas, mas detalhes como a ética e o compromisso com a verdade devem sempre estar presentes.

Além disso, a amostra não representa, necessariamente, o universo ou população que está sendo investigado. É função do pesquisador, então, tem uma amostra que apresente profundidade no estudo e que tenha um número suficiente de dados que possa condizer com uma verdade geral.

Há vários tipos de pesquisa qualitativas, como a exploratória, pesquisa de campo, levantamento e pesquisa-ação. Cada uma delas têm autores e protocolos pré-estabelecidos que trazem parte da credibilidade para os resultados do estudo.

É importante ressaltar que cada tipo de pesquisa tem diferentes meios de análise, mas pesquisas que dependem de observação, questionários e entrevistas, por exemplo, tendem a utilizar técnicas que envolvam a linguagem, seja por meio da análise de conteúdo (AC), análise do discurso (AD), hermenêutica, semiótica, e várias outras, sendo as duas primeiras o foco deste estudo.

Assim, na próxima seção, será apresentada a análise do discurso e suas raízes, bem como a forma com que se relaciona com a abordagem qualitativa no tratamento dos dados obtidos para apresentar um resultado conciso.

### **Análise do discurso: a fala é mais do que palavras**

A Análise do Discurso é um campo da linguística e é consideravelmente grande. Como apontado por Caregnato e Mutti (2006), há mais de cinquenta variedades de análise do discurso, com enfoques e baseadas em diferentes escolas teóricas. Entretanto, todos têm a comunicação como seu foco, observando a língua como algo vivo e que tem conexões estabelecidas com o falante, suas intenções, valores e efeitos.

Pêcheux (1995), um dos grandes nomes da linha francesa da análise do discurso na década de 60, relaciona o discurso com a ideia de memória, em que se atribui juízos e valores ao falante. Dessa forma, há o esquecimento voluntário, em que o sujeito e aquilo que ele carrega consigo são desconsiderados do texto, o que o autor criticou ao dizer que todo texto é produzido em consonância com uma situação – um contexto, uma realidade que abarca diferentes visões e simbolismos pertencentes ao autor do texto, falado ou escrito, por exemplo.

Anos depois, Maingueneau (2015) retoma as ideias da análise do discurso e propõe que não existe uma escola, mas tendências diferentes, e que mesmo a análise do discurso por si só não existe. Na verdade, existem análises, e cada uma tem recursos, abordagens e focos diferentes. Além disso, o autor também passa a utilizar recursos da retórica, como *ethos* e *pathos*, por exemplo, para auxiliar na interpretação do discurso.

Antes de mais nada, o *ethos* se constitui de costumes e hábitos de uma comunidade, em uma região ou época determinadas. Ribeiro, Lucero e Gontijo (2008) indicam que o *ethos*, uma herança grega na língua, é nada mais do que o estilo de vida, a moral e os valores que existem por trás de uma sociedade, na própria relação do homem com o ambiente.

Já o *pathos* é a receptividade do ouvinte, é o tratamento que se dá ao texto por parte de quem o recebeu. O *pathos* indica nada mais do que aquilo que é dito com mais do que as palavras, como a postura, o tom de voz. É a fala ou a escrita silenciosa, onde está a análise de tudo o que faz parte do discurso e não é expressado verbalmente.

No contexto brasileiro, a análise do discurso se consolidou nos estudos da linguagem e da comunicação na área das humanidades. Orlandi (2002, p. 24), uma das mais importantes teóricas na área de AD no Brasil, aponta que existe “o jogo sobre a língua, que caracteriza a discursividade. Falamos a mesma língua mas falamos diferente”, o que remonta a ideia de que a individualidade é parte, também, do *ethos* e do *pathos*.

Como já mencionado anteriormente, a análise do discurso é uma das técnicas utilizadas para interpretar dados que foram colhidos pelo pesquisador. Por exemplo, uma entrevista semiestruturada, em que o pesquisador conta com perguntas para dar apoio e pode fazer outras perguntas que não estavam inicialmente programadas, é parte do rigor que seja gravada. No momento de transcrevê-la, o pesquisador irá notar formas de expressão que vão além das palavras do participante – há silêncios, risos, suspiros e pausas, que podem significar muito mais do que o que está sendo dito. Num questionário, por outro lado, é comum que a escolha das palavras seja analisada, pois há palavras com maior ou menor carga semântica, enfatizando ideias ou

desmerecendo ações, a partir do *ethos* do respondente.

Na pesquisa qualitativa em educação, sobretudo em teses e dissertações, é comum que o pesquisador conte com entrevistas e questionários, aplicados com docentes, discentes e outros participantes do corpo escolar. É nesse momento que a análise do discurso se torna importante, pois depreende todo o contexto que há por trás. Assim, não há informação desnecessária, pois o histórico, o contexto socioeconômico e outros fatores podem e vão, possivelmente, influenciar nas respostas.

Caregnato e Mutti (2006, p. 682) trazem um exemplo de entrevista com professores e propõem que esta seja gravada para ser transcrita posteriormente. No momento da análise, o “analista” acaba identificando diferentes temas que emergem da fala do seu entrevistado, assim, “qualquer elemento pode ser estudado enquanto marca linguística, ou ‘marca de discurso’, podendo ser selecionadas poucas marcas linguísticas para interpretação”.

Na AD, a intenção não é analisar, necessariamente, todo o conteúdo nos mínimos detalhes, mas focar naquilo que se destaca aos ouvidos ou olhos do pesquisador. O importante para, a análise do discurso, é entender as intenções e, como indicam Caregnato e Mutti (2006, p. 682),

[...] captar a marca linguística e relacioná-la ao contexto sócio-histórico. Deste modo, várias leituras do texto farão com que o analista do discurso estranhe aquela(s) palavra(s) ou formas sintáticas, pode ser, que marca(m) o discurso e se repete(m), visualizando assim as marcas linguísticas no material linguageiro.

Uma das grandes dificuldades em interpretar o que é dito é o que Orlandi (2007) menciona quando trata o discurso como um processo complexo, que tem seu sujeito e seus sentidos afetados pela história. O discurso deixa de ser transmissão de informação e se torna um recurso que comunica mesmo quando não comunica. Em uma entrevista, é importante ter isso em mente, pois há muito que um professor, por exemplo, não diz, mas que o fato de ele ser de escola particular com problemas com a coordenação ou de uma escola pública sem recursos também afetam seu discurso.

Portanto, como apontado por Ramos e Salvi (2009), a AD propõe um método geral a ser seguido e uma forma de análise única, criada pelo próprio pesquisador ou “analista” no momento da sua interpretação dos dados. Assim, as autoras apontam o que Orlandi (2007, p. 32) traz como “é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” [...] não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados”, sabendo que a análise parte de mais do que apenas os critérios a serem seguidos.

Dois dos objetos de análise da AD são o interdiscurso, aquilo que é dizível, e o intradiscurso, aquilo que é dito. Esses dois aspectos, ao serem analisados pelo pesquisador, irão se encaixar em categorias recursivas como paráfrases, metáforas e construção de sentido. É a partir desses aspectos que o pesquisador deve desenvolver sua forma de analisar o material que colheu, buscando articular os dados de forma a deixar sua influência pessoal de lado e tentar enxergar da forma mais analítica possível.

Em relação ao *corpus* que compõe a análise, é importante ter em mente que justificar as escolhas torna o processo mais rigoroso e crível. O pesquisador pode, por exemplo, indicar a sua escolha de um determinado recorte social (entrevista semiestruturada com professores de escolas públicas da periferia), histórico (questionário aplicado para professores que tenham dez ou mais anos na função docente, econômico (entrevista com alunos de escolas particulares internacionais) ou, até mesmo, culturais (alunos carentes que participam de atividades extracurriculares em organizações não-governamentais e fundações). Cada um desses recortes pode oferecer uma visão completamente nova acerca da realidade.

Vale ressaltar que, certamente, o pesquisador pode utilizar vários recortes ao mesmo tempo, pois tudo depende, como já mencionado anteriormente, do que se objetiva. Além disso, esse recorte tem origem na teoria que embasa a pesquisa, e ela deve justificar essas escolhas, assim

como os temas determinados a partir do contato com os dados.

Um dos critérios que adiciona credibilidade é a validação. Flick (2009) aponta que a validação e a triangulação por pares, ou seja, em que exista outro pesquisador que possa reler e interpretar o trabalho, possibilita uma nova opinião distanciada das verdades que o pesquisador carrega consigo. Ademais, seguindo a ideia de que a teoria embasa a pesquisa, pode-se fazer uma triangulação de teorias ou, até mesmo, um estudo de revisão, que visa mapear toda a produção teórica que antecede a análise, dando suporte ao que o pesquisador procura analisar.

Dubet (1997) e Charlot (2006) trazem um olhar sobre a pesquisa em educação que condiz com a ideia da análise do discurso. O professor, o aluno, o coordenador, afinal, são todos sujeitos sociais, atores de suas ações, o que impede que o pesquisador os extraia de seu ambiente para analisar sua fala sem entender o que há por trás. É no âmbito de agente social que a locução do sujeito esta contextualizada, pautada nas suas experiências e nas suas crenças.

Enfim, a análise do discurso valoriza detalhes que, muitas vezes, são desperdiçados ou ignorados, por parecerem pequenos. Muitas vezes, é na ponderação e no silêncio que se lê muito mais do que nas palavras ditas ou escritas.

Na próxima seção, portanto, a análise proposicional do discurso, que tem suas raízes na análise de conteúdo, será apresentada.

### **Análise proposicional: conteúdo ou discurso?**

Antes de falar sobre a análise proposicional do discurso (ADP), é preciso entender que ela tem origem na análise do conteúdo de Bardin (2011). Para a autora, a AC é um coletivo de instrumentos metodológicos para analisar os mais diversos discursos e que segue metodologias diferentes, pois está em constante mudança.

A análise de conteúdo entende que, assim como Flick (2009) menciona, os dados colhidos não são estruturados e é responsabilidade do pesquisador organizá-los de maneira apropriada. Certamente que na análise há influência das impressões e interpretações do pesquisador, mas cabe a ele identificar as categorias, por exemplo, presentes no conteúdo a ser analisado.

Na AC, a fala é interpretada a partir do seu significado e pode haver quantificação linguística, onde as pessoas e o texto são consideradas unidades de análise. Ademais, esse tipo de análise, a partir do proposto por Bardin (2011), compreende seis técnicas, sendo elas a categorial, avaliação, enunciação, expressão, relacional e, por fim, a proposicional do discurso, que é o objeto de estudo dessa seção.

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo compreende três grandes fases: pré-análise, exploração do material (que se subdivide em suas outras fases) e, por último, o tratamento dos resultados.

Assim, os dados que foram colhidos pelo pesquisador passam inicialmente por uma análise, que a autora chama a atenção para o fato de ser uma leitura flutuante, gradual no entendimento do assunto. Na primeira fase, a de pré-análise, é responsabilidade do pesquisador verificar se todos os dados foram coletados e se os instrumentos de coleta estão adequados.

Bardin (2011) delimita que esta primeira fase possui três missões principais, sendo os documentos escolhidos pelo pesquisador para análise, a formulação dos objetivos que encaminharão a pesquisa e indicadores e critérios, que vão facilitar o processo de análise final. Para a autora, ainda que estes fatores não tenham uma ordem fixa ou pré-estabelecida para acontecer, eles permitem que o pesquisador tenha autonomia e organização.

Em seguida, os dados passam por uma fase de exploração, que se subdivide em codificação (criar códigos para ocorrências do texto) e categorização (separação dos códigos em uma ou mais categorias). Nessa etapa, é importante que o pesquisador tenha o entendimento de que uma resposta pode pertencer a uma ou mais categorias e códigos, assim como um mesmo código pode pertencer a múltiplas categorias.

Aqui, Bardin (2011) ressalta que existe uma ligação entre a teoria em que o pesquisador se embasa e os dados que foram colhidos. Nesse ponto, os recortes realizados pelo pesquisador são de ordem semântica, e exprimem ou representam um pequeno recorte do todo.

Por fim, há o tratamento dos resultados. Câmara (2013, p. 188) sugere que essa fase “deverá

ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, interessa ao pesquisador o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido”, o que retoma às categorias e códigos criados na etapa anterior. É a partir delas que o pesquisador irá encontrar significados e conceitos homogêneos, que condizem com sua análise.

Bardin (2011) indica que há dois recursos no tratamento dos resultados, sendo eles a inferência e a interpretação. Na primeira, ocorre a análise de causas e feitos de determinados conceitos, investigando possíveis indicadores. Já na segunda, entende-se que os conceitos derivam de estruturas maiores, que produzem uma imagem significativa – como mencionado por Câmara (2013, p. 188), “quando se encontram temas diferentes, é necessário achar semelhanças que possa haver entre ele”.

É aqui que a análise proposicional do discurso entra. Na subfase de interpretação, o pesquisador pode encontrar conceitos e proposições. A proposição nada mais é do que um enunciado com base nos dados colhidos, de forma que não são ajustáveis, mas têm um caráter de certo/verdadeiro ou errado/falso.

Ding (2017, p. 19) define ainda que uma proposição é “a menor unidade que pode expressar um significado completo, que pode estar na forma de uma palavra, frase, cláusula ou sentença”. Existem três tipos de proposições: predicados, modificações e conectivos, e, quando articulados, podem oferecer diversas informações a partir de relações estabelecidas no texto.

O primeiro tipo de proposição são os predicados, que a linguística considera como uma afirmação ou negação em relação ao sujeito. Pode descrever ações, características e quaisquer outras informações sobre o sujeito.

O segundo tipo de proposição são as modificações. Existem vários tipos de modificação, mas um dos mais comuns é a modificação na enunciação, onde o falante tem a ideia de manipular ou convencer seu interlocutor através do uso de estruturas que remetem a um convite, uma ponderação, um pedido, e assim por diante. O conteúdo proposicional do enunciado leva em conta o tempo verbal, por exemplo, e a escolha das palavras.

Não menos importantes, os conectivos também expressam proposições, de modo que articulam uma oração com a outra. Existem vários conectivos e cada um estabelece, na língua portuguesa, um tipo de relação de subordinação ou coordenação com a oração principal. Por exemplo, na frase “ela está chateada porque a aula foi ruim”, o conectivo é a conjunção “porque”, que articula a frase “a aula foi ruim” em relação de causa (oração subordinada causal) à primeira oração “ela está chateada”.

A análise proposicional do discurso, então, é uma forma de identificar o conjunto de referências do sujeito, bem como sua forma de utilizar estrutura argumentativa para expressar seus pensamentos. Ela também é considerada uma variante da análise temática, e tenta auxiliar o pesquisador no momento da divisão em categorias.

Agora que as duas técnicas de análise foram apresentadas, a próxima seção tem o foco em discutir as similaridades e diferenças entre elas, pautadas nas teorias discutidas previamente.

## **Comparando as análises do discurso**

No momento em que o pesquisador faz a opção por usar uma determinada técnica para analisar os dados que colheu em sua pesquisa, ele deve ter em mente que o principal deve ser a obtenção mais adequada para o seu estudo. Isso quer dizer que, de certa forma, não há uma técnica perfeitamente encaixável para um determinado tipo de pesquisa.

Isso significa que todas as técnicas são adaptáveis às circunstâncias onde cabe a avaliação do próprio pesquisador. Tanto a análise do discurso, do viés linguístico, quando a análise proposicional do discurso podem ser usadas, é a profundidade e o viés da análise que estão em jogo, nesse caso.

Primeiramente, a análise do discurso, que segue a linha linguística com as propostas de Maingueneau (2015), Pêcheux (1995) e a brasileira Orlandi (2002, 2007), é ideal quando se quer aprofundar a visão que se tem das respostas. É por meia dela que aspectos do caráter subjetivo irá transparecer, como pausas, silêncios e suspiros. Se a intenção do pesquisador for compreender a visão e os sentimentos do professor ou aluno entrevistado, por exemplo, essa é a melhor abordagem para ser seguida.

Entretanto, no caso da análise proposicional do discurso, há uma relevância maior no que diz respeito à escolha de palavras e estruturação da frase. Esse ponto não quer dizer que ela é fraca ou ineficiente, se comparada com a AD. Porém, por ter suas raízes nas ideias da análise de conteúdo de Bardin (2011), é importante refletir que seu uso tem um foco muito maior no quesito semântico do que no que está por trás da fala.

Um segundo ponto é que ambas têm uma preocupação em entender o falante ou escritor, apenas seguem por pontos de vistas diferentes. Para a AD, o locutor é responsável por tudo o que está dentro de sua fala, incluindo o ambiente, emoções refletidas e sua forma de se portar na fala. É através de recursos da retórica que Maingueneau (2015) trouxe, ou seja, o ethos e o pathos que a interpretação se dá por completo, pois os valores pessoais, metáforas e outros recursos linguísticos estão em voga também.

O contraponto oferecido pela análise proposicional do discurso tem relação com os recursos proposicionais que ela usa. Os predicados, modificações e conectivos são partes essenciais da comunicação de uma língua e, é claro, trazem muito mais do que apenas semântica. O uso de conectores, por exemplo, tem a valoração de coordenação e subordinação entre as orações, e podem estabelecer diversas relações entre elas como causa (porque), adição (e), condicional (em caso), proporcional (à medida que) e adversativa (entretanto), só para citar alguns exemplos comuns da língua portuguesa.

No que diz respeito ao uso da AD, um grande aspecto que pesa é o nível de complexidade da análise, que é vertical, não seguindo um padrão completo. Nesse caso, o analista/pesquisador é responsável por estabelecer cada ponto da sua análise, encontrando os contrapontos que acredita ser essencial.

Sendo assim, a AD é mais recomendada para uma análise de fala do que para a análise escrita. Considerando que o ethos é bem expressivo na comunicação oral, a AD daria conta de interpretar os muitos sentidos do que foi e não foi dito. Por exemplo, essa análise é ideal para fazer anotações sobre a entonação na voz, a postura, gestos e trejeitos, assim como pausas e risos. São pequenos detalhes de uma entrevista que podem melhorar a análise como um todo, alcançando resultados muito mais confiáveis.

Já no que tange a utilização da APD, o seu problema é exatamente o que Ding (2017) aponta: aspectos como postura e voz são desconsiderados pela análise, focando-se nos aspectos semânticos e nas unidades de sentido dentro da construção da frase.

Por isso, ao contrário da AD, a APD é mais indicada para textos escritos como questionários. Como seu foco está na interpretação e conceitualização das partes da comunicação, o texto escrito não carrega valores adicionais como a voz, e sua interpretação pode se limitar ao que foi escrito e como foi elaborado, como a escolha das palavras adequadas, com mais ou menos ênfase.

Tanto na AD quanto na APD, o pesquisador pode entrar em contato com dados que vão agregar na sua pesquisa, mas a análise deve ser rigorosa e criteriosa, a fim de não prejudicar os dados que foram colhidos.

Conforme apontado por Flick (2009) e já mencionado anteriormente, um dos grandes problemas que acomete a pesquisa qualitativa é a perda da credibilidade em virtude do rigor, e isso exige que o pesquisador esteja preparado para fazer uma análise que, ao mesmo tempo que é subjetiva, é capaz de depreender os dados de forma crível. Para isso, é importante que o pesquisador saiba que a AD e a APD tratam da subjetividade do locutor e sua produção de sentidos, mas, mesmo sob a ótica do pesquisador, essa subjetividade não deve ser desprezada ou encorajada apenas por fatores pessoais.

A teoria que embasa a análise, seja do discurso ou proposicional do discurso, deve conter argumentos que sustentem sua escolha. É na teoria que estão os pontos que podem auxiliar o pesquisador a escolher a técnica correta da análise, assim como ela é quem vai direcionar o pesquisador para o instrumento correto para colher os dados. A partir desses dois componentes teóricos, torna-se mais fácil para o pesquisador escolher a técnica adequada para seu trabalho.

Como o foco deste artigo é na pesquisa qualitativa, ressalta-se o uso destas técnicas para essa finalidade. Porém, vale apontar que a interpretação da AC e da AD, de modo geral, compreende a pesquisa qualitativa, mas a AC também pode proporcionar uma visão quantitativa dos dados. O quadro 01 abaixo mostra os pontos de destaque das duas técnicas, informando as características

únicas e comparáveis de cada uma.

**Quadro 1.** Comparativo entre a análise do discurso e a análise proposicional do discurso.

Análise do Discurso	Análise Proposicional do Discurso
Tem raízes nos estudos da linguística e da comunicação.	Tem raízes na técnica de análise de conteúdo.
Considera o texto como parte de algo maior, como a postura e as intenções do falante.	Considera o texto como base para as unidades semânticas e significados.
Utiliza os conceitos de <i>ethos</i> e <i>pathos</i> .	Utiliza conectivos, modificações e predicado.
Foco no que é dito e no que não é dito.	Foco no que é dito e nas escolhas de palavras.
Posição de falante do sujeito, analisando seu contexto social, cultural e histórico para a produção de sentidos.	Posição dos significados na fala/escrita do locutor.
Sentidos.	Pensamentos.
Valores morais e éticos.	Concepção de transparência.
Preferível para o texto falado.	Preferível para o texto escrito.
Compreende o uso de <i>corpus</i> para análise, recortes feitos pelo pesquisador.	Compreende unidades semânticas, não precisa de <i>corpus</i> fixo de análise.
Qualitativa	Qualitativa (pode ser quantitativa).

**Fonte:** Os autores (2020)

Bardin (2011), que é conhecida pelo seu trabalho com a AC conforme já apresentado anteriormente, indica que a análise do discurso tem por objetivo a desconstrução da análise de conteúdo. Entretanto, é necessário entender que, por mais diferentes que sejam, elas têm funções de grande valia para as pesquisas qualitativas em educação e que, se usadas corretamente a partir da intenção do pesquisador, apresentarão resultados significativos.

### Considerações Finais

A pesquisa em educação faz parte do movimento do mundo. A cada nova tendência social, cultural e, muitas vezes, política, ela se adequa para desempenhar seu papel em formar alunos capazes de serem cidadãos e parte dessa mudança como um todo.

Assim, é impossível pensar em pesquisa em educação sem considerar que a pesquisa de abordagem qualitativa é a mais adequada, pois sua origem está exatamente na inabilidade na pesquisa quantitativa ir à fundo nos valores da sociedade que são parte da educação. A pesquisa qualitativa é, afinal, natural e indutiva, tendo o próprio investigador como parte do seu instrumento de pesquisa, e apresenta resultados que são compreensíveis, ao contrário da precisão buscada pela abordagem quantitativa.

Uma vez que a pesquisa qualitativa se baseia em uma análise subjetiva e traz uma ótica social, ela precisa apresentar rigor. Por isso, escolher o instrumento adequado para a coleta dos dados, bem como a técnica apropriada para analisá-los, é fundamental para que a pesquisa seja crível, e realmente faça a diferença na área. Uma pesquisa que não siga esses rigores acaba por perder credibilidade e, muitas vezes, deixa de trazer sua contribuição para a educação, simplesmente ao ser desconsiderada por falta de confiabilidade dos dados.

O foco desse artigo foi em apresentar duas técnicas comuns dentro das utilizadas para análise de dados qualitativos. A análise do discurso, que veio dos anseios da linguística em entender o falante em seu lugar de fala, e a análise proposicional do discurso, que se apegou aos traços semânticos do texto, são reconhecidas como técnicas que podem trazer grandes contribuições para o pesquisador em seu trabalho de análise dos dados.

A análise do discurso, mesmo sendo uma parte dos estudos de linguística e comunicação, agrega ao considerar que o texto é algo maior, e que o falante ou escritor colocará intenções, valores e hábitos nela. O foco não está apenas no que é dito, mas em como algo é dito, na postura, na voz e, até mesmo, no silêncio. Para a análise do discurso, o silenciar e o suspirar têm valores que indicam a motivação do locutor, assim como a ideia de ethos e pathos, recursos emprestados dos estudos da retórica, que analisam mais do que apenas as palavras.

Por outro lado, a análise proposicional do discurso se vale dos aspectos semânticos da fala e da escrita. Seu foco está em observar as frases e locuções como unidades semânticas e interpretar seu sentido através das proposições, a forma com que articulam a fala com os pensamentos do locutor.

Como mostrado, tanto a AD quanto a APD são técnicas valiosas para a análise de dados qualitativos em pesquisa, sobretudo em dados que foram colhidos com o uso de instrumentos como entrevistas e questionários. Como se baseiam em analisar o que o locutor exprime por palavras, se encaixam bem como essa categoria.

Porém, é importante lembrar que, por terem focos diferentes em sua análise, é inevitável perceber que se adequam a diferentes instrumentos que usam a fala ou a escrita como recurso.

A AD, por ter uma inclinação ao não dito, à postura e ao tom da voz, se encaixa melhor com a análise de dados de fala, como entrevistas, pois pode perceber seu corpus como algo vertical e flexível. O pesquisador, então, deve apenas ter o cuidado de indicar e apresentar cada traço que percebeu e entende como parte que compõe a fala de seu interlocutor.

Enquanto isso, a APD é mais adequada para a análise de texto escrito, sobretudo por se preocupar com modificações, predicado e conectivos. Por sua valoração semântica, pode facilitar análises que se focam em entender as palavras que foram escolhidas para exprimir os pensamentos de quem escreve e, assim, possibilitando a análise por parte do pesquisador com esse foco.

Não há como dizer se uma ou outra análise é melhor, apenas que são ambas técnicas importantes e que, apesar de focarem em aspectos diferentes, são essenciais para que o investigador ou pesquisador possa analisar seus dados com rigor. Afinal, como a proposta da pesquisa em educação de abordagem qualitativa é indutiva e focada nos muitos sujeitos, entender sua fala e seus sentidos é de suma importância para uma educação de mais qualidade.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**. Minas Gerais, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 31 jul.2020.

CAMPOS, M. M. Para que serve a pesquisa em Educação? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.39, n. 136, p. 269-283, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a1339136.pdf>. Acesso em: 31 jul.2020.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>. Acesso em: 31 jul.2020.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 31, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>. Acesso em: 31 jul.2020.

DING, Y. L. Using Propositional Analysis to Assess Interpreting Quality. **International Journal of Interpreter Education**, Austrália, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.cit-asl.org/new/wp-content/uploads/2017/06/3-IJE-9-1-Ding.pdf>. Acesso em: 31 jul.2020.

DUBET, F. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5, mai./ago. 1997. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_19\\_ANGELINA\\_E\\_MARILIA.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_19_ANGELINA_E_MARILIA.pdf). Acesso em: 31 jul.2020.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139/4861>. Acesso em: 31 jul. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PECHÊUX, M. **Automatic Discourse Analysis**. Netherlands: Rodopi, 1995.

RAMOS, R. C. S. S.; SALVI, R. F. Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática – um olhar sobre a produção em periódicos qualis A1 e A2. In: Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, 4, 2009, **Anais [...]** Brasília, Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2009, p. 1-20.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Recebido em 03 de agosto de 2020.  
Aceito em 09 de março de 2021.